

O EMPREENDEDOR E O DESENVOLVIMENTO

ECONÔMICO

Ozires Silva
Especial para o CenPRA
Junho de 2006

Em torno de 77% da população mundial está distribuída nos países do Terceiro Mundo. No entanto, seus habitantes recebem somente 20% da renda global, enquanto os mais desenvolvidos, contando com aproximadamente 23% da população mundial, conseguem o restante da mesma renda, cerca de 80%. Através desses simples e diretos dados ficam aparentes os problemas sócio-econômicos conseqüentes, como o desemprego, a fome, a má distribuição da renda per capita e, sobretudo, a baixa produtividade, que atingem a maioria das nações do planeta. Estas deficiências, somadas às diversas desvantagens comparativas e competitivas do mundo global e competitivo de hoje, penalizam os subdesenvolvidos e criam um quadro no qual prevalece a desvalorização do ser humano, gerando os contrastes tão conhecidos no mundo de hoje.

Não há necessidade de se reafirmar que este é um dos, se não o problema mais grave do nosso planeta. As 30 nações mais pobres são, em sua maioria, localizadas na África, um continente, cujo desempenho econômico o coloca como um dos que apresenta maiores graus de deficiências e de perspectivas.

Por outro lado, os Estados Unidos possuindo apenas 6% da população mundial conquista 45% da renda global, mostrando que o desequilíbrio na distribuição da renda per capita mundial entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos fique ainda mais ostensivo..

A pergunta que se pode colocar é: POR QUE? Ou seja, por que isto aconteceu, ou acontece? Onde se falhou? Mais do que isto e mais importante seria perguntar: É possível mudar e corrigir tudo isso?

Reflexões sobre o tema, bastante discutido em todos os plenários, os especialistas identificam uma quantidade de causas que poderiam originar tais desníveis. Concordam que eles passam por culturas, crenças, hábitos, atitudes, nível educacional, etc. Contudo, o fato é que o empobrecimento

dos povos parece vir da habilidade de uns, contra o desempenho dos outros, quanto a suas respectivas capacidades de gerar renda e riqueza. Isto é, algo relativo à capacidade de empreender com sucesso.

Se isto é verdadeiro, as conclusões passam a ser óbvias. Há que se estimular os investimentos e que eles, quando em operação, tragam retornos adequados proporcionando a persistência e a longevidade saudável das empresas e organizações. Para que isto ocorra, numa tentativa de colocar em forma didática, qualquer iniciativa empresarial no mundo moderno deixa pouca dúvida quanto a importância da tecnologia e do know how, como insumos fundamentais para uma produção eficiente e competitiva. Está hoje demasiadamente claro que a concorrência não mais tem origem nas fábricas ou produtores da mesma cidade ou da mesma região. Com o advento das comunicações mundiais o consumidor ficou mais bem informado e compara tudo o que lhe seja oferecido com o que pode encontrar no mercado internacional.

As nações que têm encontrado os caminhos da prosperidade intrínseca sempre buscaram fixar em seus territórios sistemas de ensino bem estruturados. Foram capazes de gerar políticas ativas e eficazes de estímulo e de apoio às pesquisas científicas ou tecnológicas, além de todos os outros elementos essenciais para assegurar a perenidade da propensão para investir em novos negócios ou empresas.

Em contrapartida, a ausência de condições semelhantes e a impossibilidade de se alterar este quadro nos demais países, levam-nos à estagnação e à pobreza. Naqueles de maior sucesso, encontram-se políticas econômicas e legislações orientadas no sentido de se garantir mecanismos capazes de atrair investimentos, resultando em boas condições para a formação de capital bruto, sejam eles nacionais ou não.

O resultado destas colocações, no caso do Brasil, está descrito no cenário que, como país, ostenta com grande clareza, embora a polêmica que pode cercar o tema. Não temos marcas próprias, dominamos insuficientemente as tecnologias dos produtos que fabricamos e somente podemos entrar no mercado internacional na extensão das autorizações que recebemos das matrizes das empresas que nos concederam as licenças para aqui produzir seus produtos. Em outras palavras, vivemos as dificuldades de os Licenciadores, usualmente, não concederem aos Licenciados a autorização para concorrerem com eles nos mercados em que operam.

Quando analisamos alguns empreendimentos de sucesso no Brasil vêm-nos a mente o setor do aço, de motores elétricos, do agro-negócio, dos

aviões além de outros pontualmente identificados. O que se nota é que todos eles se basearam em tecnologia ou conhecimentos que foram gerados e desenvolvidos no país, de uma forma ou de outra. E, como não poderia deixar de ser, partiram da educação e do treinamento. Isto é, do desenvolvimento de recursos humanos adequados, sem os quais nada acontece.

Por outro lado, dependeram diretamente de empreendedores que, motivados de alguma forma, puderam estruturar setores que na atualidade contribuem expressivamente para a riqueza nacional. Daí surgem perguntas que parecem ser cruciais: Como surge um empreendedor? Ele pode ser formado e treinado? Como ele dá partida na montagem do seu negócio?

Aqueles que decidiram se tornar empreendedores conseguem, na maioria das vezes, se recordar do fato que desencadeou o sonho para realizar algo inovador, e do momento preciso em que isto aconteceu. Uma frase solta no meio de uma conversa, uma idéia, uma cena vista na rua, enfim, alguma circunstância que foi capaz de dar vida a algo que o empolgaria por muitos e muitos anos.

Peço dividir com os leitores meu caso pessoal, uma vez que me envolvi pesadamente no desafio e nos resultados da fabricação dos aviões da EMBRAER. Na década dos 1940, ainda garoto, chegara em cima da hora ao colégio aonde estudava, em Bauru, minha terra natal. Consegui entrar na sala de aulas segundos antes do professor. Mal havia me acomodado em minha carteira quando ele lançou uma pergunta no ar:

“Alguém sabe dizer o que se comemora no dia de hoje?”

Ainda ofegante, resolvi arriscar:

“Os 40 anos do primeiro vôo de um avião mais pesado do que ar, realizado por Santos Dumont, em 23 de Outubro de 1906.”

“Certo!” – disse o professor com ar de quem não esperava nenhuma resposta.

A partir daí o mestre começou a fazer considerações sobre a importância da data e sobre o genial brasileiro capaz de realizar tal façanha. Quando ele terminou e se voltava para o quadro negro para iniciar sua aula, perguntei:

“Se o Brasil é um país tão grande, e certamente precisa muito de aviões para integrar seu extenso território, por que nós não os fabricamos? Se temos a mesma idade dos Estados Unidos por que eles produzem todos os aviões que aqui utilizamos?”

O professor tentou explicar, baseado no exato retrato do pensamento que vigorava naquela época, em 1946, e que, de certo modo, ainda prevalece nos dias de hoje. O tipo da nossa colonização, e assim por diante!

Note, meu caro leitor, foi lançada uma idéia. Clara e certamente não fazia nenhuma lógica um menino a colocar, numa cidade do interior do Estado de S. Paulo que não dispunha de escola ou universidade de ensino superior. Era algo que poderia se dissipar na mesma velocidade das palavras então usadas.

No entanto, não foi isto que aconteceu. Aquela idéia perseguiu o menino por toda sua vida e passou a ser seu objetivo e, tijolo por tijolo, por dias, meses e anos continuou a ser acalentada, tornando-se um dia possível. Tudo acabou por se tornar uma realidade. Hoje, nossa empresa destaca-se vendendo ao mundo, aviões projetados, desenvolvidos e construídos no Brasil, sendo exportado na atualidade para mais de 50 países.

Esta história está contada no livro “CARTAS A UM JOVEM EMPREENDEDOR”, recentemente publicado pela Editora Elsevier, escrito pelo autor deste artigo.

Finalizando, desejaria acentuar, e em razão das dificuldades que enfrenta e pelos obstáculos que precisa superar, deve saber que as dificuldades estarão sempre presentes. Permanentemente compreender que será preciso conversar, ter paciência, tentar persuadir, carregar consigo a perseverança, acreditar e estar atento permanentemente. Um diálogo mal conduzido pode levar uma boa idéia a caminhos que não estarão abertos, podendo liquidar a iniciativa sem que ela tenha sido iniciada.

No Brasil, os recursos para novos empreendimentos existem, mas não são abundantes e, quando existem, são difíceis de serem conseguidos. Ainda não faz parte de nossa cultura a iniciativa de aplicar recursos em projetos, mesmo que bons. É quase impossível competir com as remunerações concedidas ao dinheiro, graças às taxas de juros que superam as mais altas do mundo. Tudo isso torna a caminhada penosa e difícil.

No entanto, muitos superam isso, consolidando sucessos e vitórias. Esses são os empreendedores que, embora durante muito tempo não sejam

compreendidos, são aqueles que ajudam a construir nações e consolidarem caminhos para a riqueza das sociedades.

Terminando, creio que poderíamos desafiar o leitor e lhe dizer:

“Seja um deles!”